

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM DIOGO ALVES DE MELLO

Diogo de Mello foi um dos primeiros residentes do campus da Instituição, ajudou a recepcionar centenas de alunos, servidores e professores. Se destacou pelo seu pioneirismo no desenvolvimento de experimentações em algumas culturas agrônômicas.

Ficha técnica:

Data da entrevista: Não informado

Duração: 45 minutos e 39 segundos

Local: Residência do entrevistado

Entrevistador: José Marcondes Borges

Profissão do entrevistado: Engenheiro agrônomo e professor.

Transcrição: Thiago Vitorino Teixeira

Revisão da transcrição: Gustavo Soares Sabioni

Revisão gramatical: Pollyanna Souza Pereira

Revisão Geral: Eduardo Luiz dos Santos

Diálogo:

Marcondes: Diga lá alguma coisa, dona Celeste¹.

Diogo: Diga qualquer coisa a ele.

Celeste: Marcondes, você trabalhava lá na Bahia, agora você está em Viçosa mesmo?

Marcondes: Não, eu fui lá emprestado. Eu fiquei na CEPLAC duas vezes.

Celeste: E a família?

Marcondes: A família ficou aqui.

Celeste: Não, mas como vai a família?

Marcondes: A família vai tudo bem.

Celeste: Os filhos já estão estudando?

Marcondes: Tem um fazendo doutorado nos Estados Unidos. Tem um dirigindo a instalação experimental na Bahia. Uma é funcionária da universidade. A outra tirou o mestrado nos Estados Unidos. Está ensinando em Ouro Preto. E tem um que está quase diplomado em vestibular. Pronto, está rodando e, conseqüentemente, daqui a pouco nós verificamos se é verdade. Então vamos começar o seguinte. Como o senhor foi parar lá na universidade, na antiga ESA?

Diogo: Bem, eu trabalhava numa turma de agrônomos, da Secretaria de Agricultura do Rio de Janeiro, encarregada de estudar o combate à broca-do-café no estado. E eu estava chefiando por aqui. E estivemos em São Paulo para ver os trabalhos do Instituto Agrônômico que estavam fazendo nos Estados Unidos. Tinha um trabalho muito bem feito sobre a broca-do-café. Estava tudo feito aqui mesmo. Depois, um dia, um agrônomo aqui de Belo

¹Esposa de Diogo de Mello. Atuou como professora no combate ao analfabetismo entre adultos e na alfabetização de crianças nas classes anexas, tanto em Viçosa como em Florestal.

Horizonte, esqueci o nome dele, pois faz tantos anos, ele disse assim: “Por que você não vai para Viçosa, ensinar naquela escola lá?” Disse assim: “Pois tem uma escola que um diretor, que está organizando, construindo, sobre orientação dele, Dr. Rolfs. E não está funcionando ainda, não sei quando vai funcionar, não deve demorar muito.” Guardei aquilo. Guardei aquilo. Disse assim: “O senhor esteve nos Estados Unidos, esteve lá há quase onze anos, sabe bem o inglês.” Eu sentia a demagogia dos Estados Unidos e que estava em dia com a ciência agrônômica. Assim, bom, eles precisavam e Viçosa não tinha ninguém. Eu, então, terminando a viagem de estudos, em Minas e São Paulo, eu, então, fui para o Rio. Me destacaram para o Rio, lá para a Ilha do Governador. Lá tinha um posto de quarentena, de plantas que eram importadas. De lá, então, um dia, eu resolvi ir a Viçosa, que eu nem conhecia, nem nunca tinha ouvido falar em Viçosa. Então, disse assim, lá está esse professor americano. Peguei o trem da Leopoldina lá na Estação Mauá, fui, então, a Viçosa. Lá, o trem chega à noite, eu fui para o hotel. No dia seguinte, eu fui procurar o Dr. Rolfs, que não estava. Nem ele, nem a filha, que era a secretária dele, a Clarissa. Teve de ir para o Rio a serviço da escola. Então, estive com a senhora dele, a dona Effie, que era uma senhora extraordinária, né?

Celeste: É.

Diogo: Amiga dos estudantes, amiga dos professores. Você não chegou a conhecer lá?

Marcondes: Não.

Diogo: Então, estive com ela. Almocei lá com ela, que o trem da Leopoldina só sai de manhã, e já tinha partido aquele trem. Então, conversei com ela muito tempo. Ela, então, disse assim: “Não sei quanto tempo que irão demorar lá, depende do trabalho que irão fazer lá.” Mas eles ficam no Hotel Avenida, que hoje nem existe mais. Não sei se você conhecia o Hotel Avenida.

Marcondes: Conheci, eu me hospedei lá.

Diogo: É, eu também. Então, eu disse, o Hotel Avenida. Então, fiquei lá em Viçosa, disse que tinha que ir ao trem da Leopoldina. Fui para o Rio e, logo no dia seguinte, fui procurar no Hotel Avenida.

Marcondes: Vamos ver se está saindo? Pronto, Diogo, já está de novo funcionando. Então, agora, vamos ver sua conversa com o Dr. Rolfs.

Diogo: Conversei com o Dr. Rolfs há bastante tempo, e ele ficou muito satisfeito. Reconheceu-me por ter me apresentado lá como um candidato, porque ainda não tinha nenhum candidato escolhido para aqui, para a escola. A escola estava em construção. E o vice-diretor era o Bello Lisboa. Aí, eu estava nesse Hotel Avenida. Então, conversamos e se combinou o seguinte, que ele não sabia quando começariam as aulas. Não tinha nada pronto. O Prédio Principal estava apenas na parte de cima, e algumas coisas em baixo. Ainda estavam no começo. Então, ele ficou de me comunicar essa data de começo das aulas. E fui embora para o Ministério, continuei no Ministério. Aí, eu fui trabalhar na quarentena no Instituto Biológico, que funcionava na Praia Vermelha. O meu quartel general era lá, o chefe era o Márcio. Um dia, então, eu me lembro de uma carta do Dr. Rolfs, pedindo que eu fosse à escola. Quando eu cheguei lá, eu me lembro que as aulas começaram no meio do ano, no mês de julho.

Marcondes: Julho de 1927.

Diogo: Tinha 11 alunos entre superior, médio, primeiros dois anos, e o tal de Pica-Fumo².

Marcondes: É o tal do complementar.

Diogo: Você também pegou ?

Marcondes: Peguei.

Diogo: Então, tinha esse curso, que ia funcionar todos juntos. Porque, no superior, tinham uns dois, eu acho que era Secundino e mais um outro, e o outro não me lembro do pessoal. Mas era pequeno, eram onze alunos, total. E eu não tinha professor de matéria técnica. Então, eu fui professor de Agronomia, de pragas e doença das plantas. Deixa eu ver que mais eu contemplava. Era tudo. Quer dizer, quem ensina tudo não acaba ensinando e nada, né? Substituí diretor quando viajava. Servia de intérprete, porque ele não falava português, muito pouco. Escreveram um livro, Citrus, em inglês, e eu traduzi.

² Apelido do curso de Administrador Rural.

Celeste: E eu corrigi o português.

Diogo: Então, eu comecei a ensinar em julho. Turma de onze alunos, todos juntos.

Marcondes: Os alunos, todos juntos?

Diogo: Tudo junto.

Marcondes: Na mesma sala?

Diogo: Tudo junto.

Marcondes: Médio e superior.

Diogo: Tudo junto. E até tinha umas coisas engraçadas. Eu estava dando uma aula de Entomologia, se você se interessa?

Marcondes: Interessa muito. Eu não vou fazer um livro chato que ninguém leia. Essas é que interessa.

Diogo: Estava dando uma aula de Entomologia. Ali em baixo do outro lado, perto do cemitério. E eu estava dando uma aula sobre cupins. Um baixo é um cupim. Então, havia vários meios de combater o cupim. Um deles era com fogo. Abrindo uma chaminé em cima. Como as carvoeiras por aí. E embaixo, que é a matéria orgânica. Põe fogo naquilo e vai queimando lentamente. Em dois, três dias o cupim desaparece tudo. Mas, eu também usei dinamite. Para desmembrar o cupim. E um aluno, ele era de Barra do Piraí. Um engraçado pulou em cima do cupim e sentou. E eu disse, sai daí, nem pensa nisso. Vai dizer que é o professor que estimulou o aluno. Aí vem o dinamite e estoura aí de baixo. E joga lá em cima. Ela estourou e ele falou, pum.

Marcondes: Não houve nada?

Diogo: Nada. Ele pulou, saiu fora. Ateamos fogo no cupim, chumbamos com picareta e batemos.

Marcondes: Mas dava aula de tudo.

Diogo: De Metodologia.

Marcondes: E, nesse tempo, quem eram os outros que davam de tudo? Quantos professores haviam?

Diogo: Havia nesse tempo um rapaz, solteiro, engenheiro, formado em Ouro Preto. Lá em São Domingos do Prata. Lelis.³

Marcondes: Lelis.

Diogo: Lelis?

Marcondes: Não. Eu tenho o nome. Lá eu tenho o nome.

Diogo: Lelis era solteiro. Um rapaz muito bom.

Marcondes: Dava o quê?

Diogo: Ele dava Matemática.

Celeste: E aquele alemão?

Diogo: Havia um alemão. Hermann Rehaag. Também deve ter lá.

Marcondes: Tem o nome dele.

³ Nelson Lelis.

Diogo: Um veterinário alemão. Que foi pra lá como zootecnista. E era veterinário. Mas dava as duas coisas. Então, esse Hermann Rehaag era o veterinário e o zootecnista. E eu era o agrônomo. Eu era agrônomo encarregado do departamento. Esse negócio tudo.

Marcondes: Quem mais?

Diogo: Aqueles professores. Aqueles conhecidos de vocês. Como é que chama? Aquele homem ali. De Português. Dava Matemática também. De Português foi depois. O professor Lanna.⁴

Celeste: Também depois.

Diogo: Dava Português, mas dava a história do brasileiro. O professor Lanna.

Marcondes: O professor Lanna é conhecido. Mas depois, né?

Celeste: Depois.

Marcondes: No começo você estava falando que só tinha esse veterinário e o senhor.

Diogo: Só.

Celeste: Quem deu a primeira aula?

Diogo: Não, eu acho que o Lelis deu a primeira aula também.

Celeste: Não, não é isso. Estou falando da primeira aula dada na universidade.

Diogo: Eu.

Celeste: Então. Isso é importante.

⁴ Manoel da Costa Lanna

Marcondes: O senhor deu a primeira aula sobre que assunto? Lembre-se. Vê se consegue lembrar qual é o assunto.

Diogo: Deve ter sido sobre Agronomia. Eu queria me candidatar a zootecnista. Porque eu me inscrevi em zootecnista nos Estados Unidos. Eu tinha aquela zona do centro. Mas botaram esse alemão. Era veterinária. Chamada da Alemanha. Então, me botaram na Agronomia. Eu acho que isso já se dá. Perfeitamente aceito, né?

Celeste: Bom, porque o título é agrônomo. Se é veterinário ou zootecnista.

Diogo: E agora tem agrônomo. Por exemplo, o professor, se não me engano, aqui e aquilo lá. E, já no ano seguinte, houve, se não me engano, não pensei assim não. Mas houve vestibular. Não, me engano. Houve separação. Superior para um lado. E médio pro outro lado. Mas o médio era junto. Era o caso do Pica Fumo com o médio de dois anos. Exigia a oitava série. Exigia o exame de, não é bem vestibular. Não tinha o nome vestibular.

Celeste: Seleção.

Diogo: Seleção. Exame de seleção. Eles ficaram juntos. E, no curso superior, se não me engano, tinha sete alunos. Que era o Secundino e o Carneiro.

Marcondes: Sauer.⁵

Diogo: Sauer. O Luiz, o Luiz Martins Soares.

Marcondes: O Barreto.⁶

Diogo: Paulo Salvo. E Barreto.

Marcondes: Dr. Diogo nessa essa ocasião, com muito poucos professores, nem havia praticamente, mas os estudantes já tinham esportes. Como é que se passava a vida em Viçosa

⁵ Henrique Floriano Galante Sauer.

⁶ Fernando Távora Barreto.

com tão pouca gente? Com tão poucos professores? O senhor morava mesmo lá naquela casa? A mesma casa que o senhor morou toda a vida lá?

Diogo: Aquela casa não estava pronta. Estava fazendo casas para professores. Então, aquela não estava pronta. Então, eu fui morar no porão do prédio, eu e Lelis. Também era solteiro. Nós morávamos juntos lá. Os alunos também moravam todos lá. Os dormitórios não estavam prontos.

Marcondes: Ah, alunos, todo mundo dormia lá. No Prédio Principal, o prédio já estava pronto para essa ocasião?

Diogo: Não. Estava terminando o prédio. Mas não tinha dormitório ainda. Então, foi todo mundo morar lá embaixo. Eu não sei quanto tempo moramos lá, o refeitório funcionava embaixo do dormitório antigo porque aquele não estava pronto.

Marcondes: Havia alguma atividade estudantil? Esporte? Recreação?

Diogo: Havia futebol, mas era pouca gente sabe? Não tinha professores de ginástica, de esporte. Não tinha nada de esportes.

Marcondes: Tiro de guerra, nada?

Diogo: Tiro de guerra, depois eles organizaram o tiro de guerra. Tirava os reservistas, mesmo lá. O primeiro, se não me engano, foi o sargento Kummel. Que foi estudante, depois ele deu o curso de reservista. Ele chamava, como é que chama? CPOER?

Celeste: Não, não é CPUR.

Diogo: Não, não é?

Marcondes: E tiro de guerra.

Celeste: Tiro de guerra.

Marcondes: Ah, o primeiro que deu aula foi o sargento ?

Diogo: Não, não, não. Não, porque ele era estudante.

Celeste: Ele era estudante.

Diogo: Ele era do exército. Sargento do exército. Preparatório que fizemos lá, com os outros. Eu tinha com o Tomitinho, meu irmão. Com o Daniel, com o Jairzinho, né? Com o Vanetti. Com o pessoal tudo. Então eles estudavam, o tiro de guerra. Tinha lá mesmo o tiro de guerra. E estudavam.

Celeste: Mas o esporte mesmo, acho que começou foi naquela época do Zé Cândido.

Diogo: É. O Zé Cândido, né? O Vanetti jogava muito bem. Eles jogavam muito bem tênis. Tudo interno, só [...].⁷

Marcondes: Agora, ah, bom, nessa ocasião, então, toda a vida social era centralizada na universidade.

Diogo: É. Não tinha, sabia? Não tinha nem aquele [...]⁸, não tinha. Não tinha direito, não tinha nada. Não tinha nem mesmo na escola, a gente estava ali [...].⁹

Celeste: O movimento da cidade, mas havia Semana Santa, única coisa que tinha, aqueles bailecozinhos.

Marcondes: Onde era o clube? Nesta ocasião?

Celeste: Não tinha clube, não.

Marcondes: Era em casas particulares?

⁷ Trecho do áudio corrompido.

⁸ Trecho do áudio corrompido.

⁹ Trecho do áudio corrompido.

Celeste: Particular, tinha aqueles assustados, né? Eles iam, moças e rapazes. E eu, por exemplo, tocava piano, então eu ficava tocando pros outros dançarem. Era assim. Às vezes no salão do ginásio do doutor Arnaldo. Também, de vez em quando, fazia lá um baile.

Marcondes: No velho ginásio da Praça Principal.

Celeste: É, aquele da Praça.

Marcondes: Ainda me lembro disso. Outra vez você já pensou aí, que eu tô no meio campo, né? Já começa a me lembrar das coisas. Bom, então, Dr. Diogo, vamos para uma fase mais avançada. Onde começou, então, o progresso? Que a coisa começou a mais professores e tudo mais.

Diogo: Aí começamos lentamente, né? Professores. No começo eu tinha pouco professor. Aquele homem que dirigia a aula de Matemática, de Português no começo era eu e o Lelis. Lá o Rehaag, o senhor alemão, dava Veterinária. Depois, então, foi entrando mais alunos, mais professores, o curso foi já...

Celeste: Se estruturando, né?

Diogo: E aí eu passei a dar ali Agronomia e Matemática depois.

Marcondes: Já havia a divisão em departamentos.

Celeste: Naquela época, você já dava Genética também.

Diogo: A Genética eu dava na Agronomia, eu fui doutor em Genética.

Celeste: É, pois é. Naquele tempo eu tinha...

Diogo: Melhoramento de campo, eu sempre dava uma olhadinha sempre nas revistas americanas. Eu estudei nos Estados Unidos, numa região de milho, de corn belt. Então, nos Estados Unidos, vocês têm lá as culturas, os corensinos, especialistas em cultura daquela região, que é no corn belt. A Virgínia, Iowa e Illinois, parte do Nebraska, parte de Kansas,

mais ou menos. É uma grande região do milho, corn belt. Então, os especialistas nessas culturas, e eu fui comandante de uma cultura de algodão. Tanto que eu quis fazer um curso de ação de algodão. O professor chamou o meu ex-orientador que, não me lembro o nome desse homem.

Marcondes: Andre Advais.¹⁰

Diogo: Ele disse assim, você é bom para isso. Eu fiquei focado por causa de uma cultura de algodão. Não era aquela geografia, era um curso de algodão. Era um curso. Então, eu disse, eu queria fazer um trabalho de uma série de livros para você consultar. Você vai à biblioteca, você vai ter todos os livros. E faz um trabalho sobre algodão. É bem difícil ir para o algodão. Quem imagina que tem algodão no mundo inteiro, como fibra, esse negócio tudo.

Celeste: Mas já que você está falando do milho híbrido.

Diogo: Vou chegar lá. Mas, então, depois de estar bem por dentro dos pontos de vista americanos, é que eu comecei a entrar em contato com a questão do milho híbrido. Não havia. Eu não aprendi isso na escola, não. Entendeu? Então, eu quis fazer uma experiência com o milho híbrido. Nunca tinha visto aquilo e nem tinha a menor ideia de como era feito aquele negócio. Então, eu peguei o milho Catete, que é um milho aqui no Brasil. Você conhece o milho Catete?

Marcondes: Uma experiência que o senhor fez.

Celeste: No Brasil, né? Isso quer dizer que ele introduziu o milho híbrido no Brasil.

Marcondes: Isso é muito importante.

Diogo: Eu introduzi o milho híbrido desse modo. Plantei o Catete e plantei um milho que nós tínhamos lá nos Estados Unidos, que a gente chama Tuxpan, T-U-X-P-A-N. Tuxpan é um milho dentado, dentro e fora, espigas grandes, graúdo. E o Catete é um milho duro, né? É

¹⁰ Nome sugerido.

mais um durata. É um milho secundário. Como sendo um colonizador. Sabe como é? Então, eu fiz aquilo.

Marcondes: Ali mesmo na agronomia? Ali perto da sua casa?

Diogo: Logo ali mesmo. Com medo de tirar daqui, eu não mandei tirar o pendão das plantas que iam servir como fêmeas, que foi o Tuxpan. Mas tirei a semente deles, né? Plantei. Uma coisa mal feita, mas assim, não sabia como. Então, plantei e fiz um resultado fabuloso. Reagiu violentamente, foi ótimo, muito bom mesmo. E aí que eu comecei a entrar em contato com o negócio de milho híbrido. Depois foi para lá o Secundino, o Secundino era meu auxiliar da aula do curso de Médio. E o Gladstone. Eu, então, fiz uma roça no hectare, aquele que está ali para lá. Fiz uma roça dentro de um hectare com aquela semente.

Marcondes: Ali na agronomia?

Diogo: Ali na agronomia. Então, falei com o Gladstone, eu vou viajar e eu preciso de alguém para fazer o despendoamento. Eu tenho que despendoar o macho do Tuxpan. Então, eu falei com ele: Você vai ficar aí? Acho que eles não iam pra casa, ele e o Secundino, que chovia muito, no mês de fevereiro, etc. Quando se faz o despendoamento. Você vai ficar, então se faz isso pra mim. Ele ficou lá e fazia, religiosamente. O Secundino era meu auxiliar, o Secundino se entusiasmou por aquilo. Depois resolveu plantar milho híbrido [...].¹¹

Marcondes: O Goianá, mas não estive em casa nenhum lá.

Diogo: O Secundino comprou a propriedade lá e resolveu fazer o milho híbrido por conta própria. E, depois, a Milho Híbrido financiou um negócio assim. E o Gladstone foi trabalhar com ele. E trabalha até hoje.

Marcondes: Eu não sei se o senhor sabe que, há poucos dias atrás, a FINEP, a financiadora do Banco do Brasil, financiou um bilhão e tanto para a [...].¹²

Celeste: Começou da ideia.

¹¹ Trecho do áudio corrompido.

¹² Trecho do áudio corrompido.

Marcondes: Começou desta ideia. Mas, então, o senhor poderia, relacionando, descobrir a data em que você fez a primeira, o primeiro campo, mesmo assim, esse ensaio, seria quando?

Diogo: O Secundino era solteiro. O Gladstone também. Os dois eram meus auxiliares. Aliás, muito bons.

Marcondes: O senhor já morava na casa ali?

Diogo: Morava na casa ali. Mas eu morava com os alunos. Não tinha lugar para chegar até lá. Não estava pronto, então morava com os alunos. Ou dormia no escritório da escola.

Marcondes: O senhor não estava casado ainda?

Diogo: Não. Bem, depois, então, o Secundino fez o negócio. Ele foi fazer milho híbrido. E, aí a Rockefeller entrou no meio para ajudar a financiar.

Marcondes: E ele, agora, já comprou a parte da Rockefeller, o senhor sabe, não é?

Diogo: Eu sei.

Celeste: E, agora, o [...].¹³

Diogo: Aí, brotou o milho híbrido. Eu nunca ouvi falar em milho híbrido. Aliás, eu te digo o seguinte. Quando eu vim para aqui com o diretor, me mandaram para aqui, estava fechado. Não tinha alunos. Tinha três alunos. No último ano tinha três alunos, só. Então, o secretário me pediu para vir para cá. Eu disse a ele que estava disponível. Ele disse assim, o [...]¹⁴ está em Viçosa, mas eu não vi esse negócio. Eu vou lá ver. Eu não conheço a escola, não. Eu vou lá ver se é escola. Então, subiu o negócio todo. Convoquei o pessoal todo primeiro. Quando eu cheguei aqui eu era o diretor, professor, do curso médio, eu fazia as compras para a escola. Viajava, fazendo palestras, dava aulas na Semana do Fazendeiro e aqui em Viçosa. Então, perguntei aqui se eles faziam milho híbrido e nunca tinha ouvido nem falar. E lá, para nós, já

¹³ Áudio corrompido.

¹⁴ Áudio corrompido

era velho. Nem falar. Aí, então, eu comecei a plantar talhões de milho híbrido para os alunos despendoarem para quando chegasse em fevereiro, para aprender. Explicava tudo aquilo, já estava certo de como é que faz.

Marcondes: Tudo bem, quem sabe eu só podia lembrar, essa parte da pesquisa tem sido sempre um forte em Viçosa. Realmente, hoje, para lhe dar uma ideia, nós estamos com cerca de setecentos projetos de pesquisa nos nossos departamentos. Tem um livro, infelizmente, eu esqueci de trazer, para te oferecer, mas há a oportunidade de eu lhe mandar. Nós estamos com cerca de cinco mil trabalhos publicados. Viçosa, nesses cinquenta anos de vida, vai estar com cinco mil trabalhos publicados discriminados, um a um. E esse o senhor vai receber quando eu chegar em Viçosa. Eu vou lhe mandar. Manda para a Dora, mais fácil. Manda para a Dora, o livro com essas publicações. Agora que nós estamos aperfeiçoando, o senhor sabe. Como a sua experiência de mídia, a primeira vez tem muito defeito, mas nós estamos aperfeiçoando para entrar na memória do computador e aí transnacionar seu sistema. Então, Viçosa, há muito tempo, talvez tenha sido uma das pioneiras em pesquisa e experimentação no Brasil. Quem sabe o senhor tem algumas recordações de quando começou, como começou e tudo mais.

Diogo: [...] ¹⁵

Marcondes: [...] ¹⁶ o senhor já comentou, agora outras coisas. Antes disso, já havia alguma pesquisa, alguma coisa, alguma experimentação?

Diogo: Não tinha nada. Primeiro que eu fui estudar foi esse negócio de milho atrapalhadamente, não sabia nada. E depois introduzi a soja. E a soja, abrindo um parêntesis para comentar o negócio da soja, eu fui estudar nos Estados Unidos. Você sabe o primeiro livro do Staley ¹⁷. Uma das aulas práticas que lá não tem, só tem teórica, não existe, você tem um ano, um ano de trabalho na fazenda, como são todas elas, trabalham com as fazendas, seja de gado ou seja de queijo. Então, eu fui estudar lá. A primeira aula prática foi sobre a soja. Eu nunca tinha ouvido falar de soja na minha vida. O professor nos levou ao campo, como auxiliar, nos dividiu, a turma, a turma era grande, nos dividiu em um grupo de três, deu as

¹⁵ Trecho do áudio corrompido.

¹⁶ Trecho do áudio corrompido.

¹⁷ Augustus Eugene Staley.

folhas para a gente anotar de vez em quando, a floração, a maturação, as colheitas, o rendimento, etc. Era um trabalho fundamental da universidade sobre época de plantio, variedades, espaçamento e insetos. Então, nós tínhamos que fazer um relatório sobre aquilo. Era o trabalho prático que eu tive de Agronomia o ano inteiro. Era isso. Mas eu me impressionei tanto com a cultura da soja, que nunca nenhuma cultura não me impressionou desse jeito, mas nunca mesmo. Eu fiquei pensando sempre em soja. Nunca mais toquei em soja, nunca mais plantei soja, não me lembro disso aqui. Vim para o Brasil, a primeira coisa que eu comecei a fazer logo que cheguei a Viçosa foi soja, foi procurar soja. Não achei em lugar nenhum. Me disseram que o Ministério da Agricultura tinha um agrônomo chamado Henrique Lopes, que o Ministério da Agricultura tinha o campo de sementes lá em São Paulo e que me dirigisse a ele. Então ele disse assim: “Já tivemos, mas não temos mais, ninguém se interessou em plantar, então acabamos com o negócio.” Então, eu escrevi para lá. Ele então me respondeu e mandou três variedades de soja. Mandou Biloxi, que é a cor de soja. Mandou a Hoosier. E mandou uma outra, precoce. A Biloxi é tardia. Plantei as três. Dessas três, a Hoosier e a outra, que não me lembro agora, não vingou um pé. Essa soja deteriorava bem depressa, principalmente se não cuidasse bem da semente. Caso que a Biloxi cresce bem depressa. Então, mas a Biloxi é uma soja muito rústica. Era chamado o zebu da soja. É rústica mesmo. Deu bem todas. Semente e cuprífero eu plantei um hectare. Aquele que estava lá, onde tinha a carpintaria. Plantei aquilo tudo de soja. Dois hectares ali juntos. Eu plantei com soja Biloxi. E produziu uma coisa maravilhosa.

Marcondes: Dessas originais de lá.

Diogo: É, de originais de lá. Depois na Semana do Fazendeiro, depois organizou a Semana do Fazendeiro mais tarde, assim, muito humildemente, foi crescendo. Chegou até lá para os três mil fazendeiros.

Marcondes: Mais tarde. Quer dizer que isso já foi antes, né?

Celeste: Foi antes da primeira Semana do Fazendeiro.

Diogo: Mas a soja me impressionou de tal jeito que eu não sosseguei enquanto não encontrei soja. Encontrei com Hunnicutt e ele disse que não sabia de ninguém mais que produzia soja. Ele que me escreveu dos Estados Unidos, trouxe e plantou em Lavras. Ele é diretor em

Lavras. E produzia bem lá as três variedades. Mas as duas Biloxi que tem menos soja, precoce, sementes grandes, claras, amarela, clara, e não germina. A Biloxi germina bem a soja. A soja é tardia. E plantamos há alguns anos, plantamos dela, que não tinha outras. Plantamos só dela. E hoje eu estava admirado por causa disso. A soja é boa para recuperar solos, mesmo para forragem. Mas tem planta que é muito melhor. Mas a soja ficou me impressionando toda a vida. Depois, eu não sei se cheguei a ter mais variedades. Mas eu acho que, como eu vim para aqui, eu cheguei a ter 45 variedades. Aqui dá muito bem. As terras boas, as plantas certas, o clima certo. Dá bem mesmo. Dá muito bem. E então eu tive essa soja. Durante um tempo. E daí, eu dava aula lá e aqui, e já falava sobre a soja.

Marcondes: Eu me lembro, fui seu aluno, acompanhei você falando sobre a soja.

Diogo: Eu então falava sobre a soja. Eu tinha amado. Eu falava sobre a soja até hoje. Nunca uma cultura me impressionou tanto. Eu não tinha nunca visto nada de soja. E vim para aqui, comecei logo a fazer um curso de soja. Não tinha um pé de soja aqui. Eu então fui introduzindo. Em São Paulo, no Instituto Agrônômico, em Viçosa. Tinha variedades muito boas, boas mesmo. Soja de galhos grande, amarela, óleo grande, muito produtivas. Muito parecidas com aquelas que plantam hoje em dia.

Marcondes: O senhor falou sobre a Semana do Fazendeiro, e também eu gostaria de ouvir qualquer coisa a respeito da extensão. Porque eu tenho certeza que Viçosa foi também pioneira no Brasil. Aí eu já sou testemunha. Quando eu vi fundar a “ACAR” e tudo mais. Mas, parece-me que a coisa pioneira na extensão do Brasil foi a Semana do Fazendeiro. Mas antes da semana, já havia alguma coisa, assim como já havia essas experiências na pesquisa, já havia alguma coisa que levou à Semana do Fazendeiro, ou foi a primeira, realmente, a primeira manifestação extensionista da Universidade?

Diogo: Foi. Tinha um aluno meu que trabalhava lá no departamento de Silvicultura. O Coelho. O Coelho¹⁸ estava vivo, não?

Marcondes: Não, ele morreu.

¹⁸ José Coelho da Silva.

Diogo: O Coelho.

Marcondes: O filho dele é um dos mais brilhantes professores da Universidade.

Diogo: Eu sei. Mas o Coelho, então, ele.

Celeste: Ele e Dr Jacinto.

Diogo: Não, ele, Dr. Jacinto, o médico de Ubá, muito entusiasmados, fazendeiro do Tocantins, ele, o Coelho.

Marcondes: O Braga.

Diogo: Braga.

Celeste: Braga.

Celeste: Braga, Bello Lisboa.

Diogo: Bello Lisboa foi um grande entusiasta.

Celeste: E o Diogo, né?

Diogo: E eu. Então, ele fez a primeira Semana do Fazendeiro. Eu não me lembro agora quantos fazendeiros tinha, mas tinha uns 40 ou 50. E foi crescendo, crescendo, crescendo. Chegou a ter três mil. Primeiro, a gente falou que ia aumentar a três mil.

Marcondes: Eu fui secretário naquele ano. Chegou o ano mesmo, eu fui secretário.

Diogo: [...]¹⁹

Marcondes: É, chegou à entrada do Colégio de Viçosa.

¹⁹ Trecho do áudio corrompido.

Diogo: É, eu sei disso, eu sei disso. Então, a Semana do Fazendeiro começou desse jeito, humildemente, e se expandindo sempre, né? Ainda tem lá?

Marcondes: Tem. Nós já estamos no quinquagésimo, sei lá. Agora, já chegou a aumentar.

Diogo: É, já evoluiu bastante.

Marcondes: Só deixou de haver um, que foi no ano da peste suína, né? Que foi o único ano que não. Mas depois tem continuado normalmente. Com grande frequência, continua sendo. Mas eu estava interessado em ver se, antes disso, havia?

Diogo: Não havia nada disso.

Marcondes: Os professores não davam aula, assim, por fora?

Diogo: Não, não dava, não. Depois com esse novo diretor, não sei bem o nome dele, o John B.

Marcondes: Eu entrei na universidade com ele.

Diogo: Sabe, o John B. Griffing, e ele tinha essa mania de pegar a gente aos domingos, os professores que tinham vocação para isso, e eu, Braga, Coelho. Íamos no distrito de Ubá, no roteiro, não sei como que chama, um domingo nós fomos lá. E a gente trem, chegamos cedo lá. E já estava tudo organizado, dava aula lá, um dava alguma coisa, outro dava de outra.

Celeste: Então, já era. Já era.

Marcondes: Já havia Semana. Nessa ocasião, já havia Semana. E eu, como aluno, eu entendia muito da Semana do Fazendeiro, porque, como aluno, eu ganhava, para ficar alojado, em troca de trabalhar na Semana. Então, eu conhecia, desde buscar o fazendeiro, até colocar. Quando eu assumi a secretaria, eu sabia todos os defeitos, todos os problemas. E foi por isso que eu consegui melhorar um pouco a organização. Agora, estou voltando a uma outra coisa que também me interessa muito. No começo, o diretor, o doutor Rolfs, ele fazia,

afinal de contas, tudo, né? Mas, quando começam os movimentos de organização, já havia contabilidade, o senhor se lembra? No começo, ele era contabilidade. Ele fazia o registro escolar, tudo. Como era isso aí?

Diogo: Ele fazia tudo. Fazia secretaria. Pois, tem o Donato. Lembra dele? Ele era professor. O Donato também trabalhava com ele, os dois juntos. Faziam tudo, naturalmente a escola era muito menor.

Marcondes: Nesse tempo, ainda havia o registro escolar?

Diogo: Depois [...].²⁰

Celeste: Não, isso não, ele tá falando em Contabilidade, Registro e Secretaria.

Marcondes: Secretaria. Depois é que foram separadas. Então, nós aí falamos sobre o ensino, falamos sobre a pesquisa, falamos sobre a extensão, falamos sobre a organização. Agora, que tal alguns fatos pitorescos? Sobre a Semana do Fazendeiro que todos nós sabíamos que, de vez em quando, o senhor dava uma daquelas suas. Me conte alguns casos pitorescos da Semana do Fazendeiro. Porque, se nós fizermos um livro só de datas e histórias, ninguém vai ler. Então, é interessante que vai misturando coisas pitorescas, fotografias mesmo, e tudo mais.

Celeste: Lembro de duas. Aquela do chuchu. Ele sabe. E outra da espingarda. Como foi? Pois é, ele quer coisas engraçadas da Semana do Fazendeiro.

Diogo: Eu estava fazendo uma aula sobre milho, que chegava aqui a 60, 70 fazendeiros. Estava falando sobre solos, terra boa para milho, etc. Um dia, alguém falou assim: “Professor” como é que chama aquele que ia sempre às exposições?

Celeste: Leopoldina?

Diogo: Não, um²¹. Carangola.

²⁰ Áudio corrompido.

²¹ Trecho do áudio irreconhecível. Minutagem: 39:00

Celeste: Carangola.

Diogo: Então, um lá de Carangola, um fazendeiro alto. Falou assim: “Professor, mas eu, lá no meu terreno, é todo montanhoso. Quando eu falo Carangola, é todo montanhoso, muita terra boa, mas toda montanhosa. O que é que eu vou fazer? Dá milho?” Dá. Então, você carrega a espingarda de chumbo pela boca, com milho, e atira lá no chão.

Marcondes: Mas você já falou de outra, do chuchu?

Celeste: Eu não sei que cultura ele falou com eles que precisava sair correndo. Um negócio assim, não me lembro.

Diogo: O chuchu?

Celeste: Não, não é chuchu. Você falou que parecia chuchu, que era igual a chuchu. Não me lembro agora.

Diogo: Não, eu não sei o que era chuchu. Chuchu é uma planta secante, sabe, carrega-se só pela perna, não é assim. Uma coisa assim, alguém perguntava e eu respondia. Isso é uma coisa que eu sempre tive, é a resposta pronta, natural. Já que eu dava aula no colégio. Você chegou a dar aula no colégio, não é?

Marcondes: Só um pouquinho.

Celeste: Ele sempre com molecagem, né? Porque o Diogo até hoje, aos 90 anos, continua do mesmo jeito.

Diogo: Mas eu respondia, assim, com todos os alunos que estavam em Inglês, por exemplo.

Marcondes: Você vai fazer 90 agora?

Celeste: É, seis de agosto.

Diogo: Então eu respondia desse jeito que o sujeito não fica aborrecido. Eu, no mesmo ginásio, eu dava Inglês e Geografia. Então, eu respondia assim, ninguém queria se aborrecer comigo, eu respondia desse jeito.

Marcondes: As aulas da semana eram desse jeito, na hora da saída, né? Coitado de quem ficasse por trás deles. Um levava metade, outro levava metade, ficavam os dois com coisas para carregar.

Diogo: [...] ²²

Marcondes: Dr. Diogo a gente está falando só da, por enquanto, da parte boa, mas, qual teria sido a primeira crise na universidade? Você se lembra?

Diogo: [...] ²³

Marcondes: Foi a primeira crise?

Diogo: Nós chegamos a ficar onze meses sem receber. Onze meses. Sete meses era comum, entendeu? Não recebia. Já ganhamos muito pouco. A gente recebia e nem parecia, já ganhava uma miséria mesmo, mas houve uma crise aí. Então, falava-se até que iria fechar a escola porque não gostava daquilo, ia fazer lá um posto policial.

Marcondes: Eu ouvi falar.

Diogo: Falava muito nisso. Mas a escola foi fundada, sabe, foi fundada por Bernardes querendo introduzir a escola. Então, tudo funciona. Então, o Jorge trabalhou como Agrônomo lá na ACAR, encarregado e treiná-lo, o Bello disse que não sabia nada, nada, nada, nada de agricultura, nada mesmo, não sabia nada disso. Então, ele mandou a cidade com o [...] ²⁴ para o seu próximo lúdico. ²⁵ Então, nada, nada, nada. De sorte que o, é que,

Celeste: A crise.

²² Trecho do áudio corrompido.

²³ Trecho do áudio corrompido.

²⁴ Trecho do áudio corrompido.

²⁵ Frase sugerida. Minutagem: 42:36

Diogo: A escola estava, mesmo, numa situação muito ruim. O professor, sem receber, depois vieram aqueles agrônomos com o bolo, comida, como foi uma luta, sabe? [...] ²⁶

Marcondes: Aí, eu gostaria de ouvir que o senhor falasse um pouco sobre esses aí, que já não são do meu tempo.

Diogo: Mas, os professores, por exemplo, se deram bem, bons professores aprenderam o português depressa. Mas, não estava satisfeito, muito especialmente com o salário que falava assim, como é que você vai trabalhar desse jeito, quando você não recebe um contratado que, mas, ao mesmo tempo, não recebe nada. Então, muito ruim mesmo. Péssimo, péssimo mesmo. Todo mundo desanimado, falando esse negócio todo, só que, muito ruim mesmo. O meu, por exemplo, passou bem.

Marcondes: O outro era da Agronomia.

Celeste: E o Muller?

Diogo: Muller da Entomologia, sim.

Marcondes: Eu ouvi falar que quem trouxe uma coleção de citros foi o próprio Dr. Rolfs.

Diogo: Então, o Dr. Rolfs.

Marcondes: O Dr Rolfs, trouxe, né?

Diogo: Trouxe. Ele tinha uma coleção de uvas que vinha gente de longe ver, era uma coisa perfeita, o povo vinha longe para ver. Tem até um livro dele sobre citrus.

Marcondes: Isso me puxou a lembrança de uma outra coisa, eu acho que nós deveríamos, já é tempo da Universidade, enquanto tem testemunhas e tudo mais, começar a estabelecer um museu. Porque depois de 200, 500 anos, aí nunca mais se conseguirá reunir. Como falo da

²⁶ Trecho do áudio corrompido.

peessoa de muita visão, quem sabe se a gente puder começar um museu. Tem um rapaz muito bom da parte cultural, Benito, deu grande vida nessa parte cultural da Universidade, e outro dia eu conversei com ele, nós estamos falando, nós devemos ter um museu. E para quê? Se nós passarmos a ter um museu, muitas pessoas que sabem que aquilo vai se perder, passam a dar para o museu fotografias, documentos e outras coisas.